

IDENTIDADES E NICKNAMES¹

A comunicação digital e seus desdobramentos na construção de comunidades virtuais

Lílian Cristina Monteiro França²

Resumo: *O presente artigo pretende analisar as identidades temporárias com que os internautas se apresentam na net, com base no pensamento de Anselm Strauss, Norbert Elias e Anthony Giddens, ao tratarem, respectivamente, do conflituoso estabelecimento de identidades individuais e coletivas, tomando como base os processos digitais de comunicação, no caso, a Internet. Para tanto, foram pesquisadas as salas de bate-papo – chats, nas faixas etárias de 15 a 20 anos, de 20 a 30 anos e de 30 a 40 anos. A partir dos dados obtidos foi feita uma análise das características de cada uma das três faixas etárias. Como resultado, espera-se ampliar as possibilidades de compreensão das micro configurações sociais que se estabelecem na Internet levando em conta algumas das bases teóricas da sociologia contemporânea e das teorias da área da comunicação.*

Palavras-Chave: *Novas Tecnologias da Comunicação. Internet. Identidade.*

Desde a década de 80, quando foi criada a interface gráfica da Internet, a *Word Wide Web* ou simplesmente *www*, os mecanismos de interatividade possibilitados pelas Novas tecnologias da Informação e da Comunicação – NTICs - vêm se desenvolvendo, abrindo espaço para novos modelos de comunicação, seja ela síncrona (*on line*) ou assíncrona (*off line*). Dentre os dispositivos de comunicação síncrona – os comunicadores instantâneos - destacam-se os *chats*, ou salas de bate-papo, freqüentados por pessoas de diferentes faixas etárias, histórias e perspectivas de vida e, ainda, objetivos de interação *on line*.

Embora os dados acerca do número de usuários da Internet sejam muitas vezes conflitantes, estima-se que cerca de 4% da população brasileira esteja conectada à Internet, e 15% tenham acesso à rede, de acordo com estudos realizados pelo IBOPE//NetRatings, divulgados em julho/2005.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Tecnologias Informacionais da Comunicação e da Sociedade, do XV Encontro da Compós, na Unesp, Bauru, SP, em junho de 2006.

² Profa .do Departamento de Artes e Comunicação Social da UFS. Dra. em Comunicação. Pós-Doutoranda IFCH/UNICAMP. lilianfranc@uol.com.br. Bolsista do CNPq.

Nesse ambiente em constante expansão, o número de pessoas que se comunicam através dos *chats* também cresce, assim como as peculiaridades ligadas a essa forma de comunicação. Um dos aspectos que chama a atenção é justamente o modo como as pessoas se apresentam nas salas de bate-papo, através da utilização de um apelido, um *nickname*, ou *nick*, como se costuma chamar.

A intenção deste artigo é a de examinar a relação entre a escolha dos *nicknames* e as identidades temporárias assumidas pelos internautas, pelo menos no que diz respeito ao modo como querem se apresentar e serem reconhecidos na *net*.

Para a obtenção dos dados que comporiam o *corpus* a ser analisado, foram realizadas pesquisas sistemáticas no *chat* na UOL, no período compreendido entre abril e julho de 2005, nas salas de bate-papo classificadas de acordo com as faixas etárias. Para fins de análise, foram selecionadas as faixas etárias que compreendem as categorias: de 15 a 20 anos, de 20 a 30 anos e de 30 a 40 anos, por serem as que recebem maior número de frequentadores.

As listas de *nicknames* foram sendo estocadas e depois divididas em categorias para permitir a análise, que levou em conta tanto os aspectos quantitativos como os qualitativos.

O *chat* da UOL é um dos mais antigos do Brasil e recebe, além dos assinantes, internautas que possuem as mais diferentes procedências. Essa amplitude determinou a opção pelos *chats* da UOL que, diferentemente do MSN ou do MIRC (outros tipos de comunicadores instantâneos, em que os participantes são previamente convidados e anexados a uma lista de endereços, criando uma espécie de comunidade fechada), apresentam uma estrutura mais aberta e diversificada de frequentadores.

Os horários de observação também foram aleatórios, incluindo todos os dias da semana, nos períodos da manhã, tarde e noite, para que se pudesse encontrar a maior variedade possível de internautas.

Em alguns casos foram realizadas entrevistas com os internautas, perguntando o que os levou a adotar determinado *nickname*. Algumas das respostas estarão descritas ao longo do texto, mas, cabe ressaltar, o objetivo desta primeira análise é, antes de tudo, estabelecer uma relação entre as concepções de identidade em Anselm Strauss, a noção de estabelecidos e outsiders em Norbert Elias e a questão da modernidade e da tradição em Anthony Giddens e como as suas interpretações podem servir de base para analisar as identidades temporárias e as relações virtuais assumidas pelos indivíduos nos *chats*.

O perfil dos usuários

Para cada uma das três faixas etárias mais freqüentadas nos *chats* da UOL foram registrados os *nicknames* dos freqüentadores, como no exemplo que se segue:

Faixa etária de 20 a 30 anos - Terça-feira – 5 de julho - 15h

JuLiO!.!GatinhO	MARCUS VINICIUS	nise
ANTONIELLO	MULATO PERFUMADO	osolitario-msn
Agléi@	Mendez	paulo msn
Caroline exitada	Mimi...	ronaldo
Dudinha	S-MULHER	taradopor m/43/cam
GATALINDA28	VICTOR 38	vida
H-s640	bandida 32	mulher.r
Homem40	casada	

Foram arquivados 500 *nicks* para cada uma das três faixas etárias escolhidas. A seguir os dados foram tabulados levando-se em conta as seguintes categorias:

nomes próprios, nomes próprios acompanhados de idade, nomes próprios acompanhados de qualificativos, apenas adjetivos ou substantivos, nomes de dupla interpretação, nomes incompreensíveis, outros.

Como se trata de um artigo, optei por omitir os quadros totalizadores da tabulação e destacar apenas as categorias mais freqüentes em cada uma das três faixas etárias, passando, a seguir, a analisa-las à luz do referencial teórico.

Categorias mais freqüentes:

Faixa de 15 a 20 anos

Nomes incompreensíveis, como nos exemplos destacados:

^^Äñjä^*^* ® -|=|Bäç;fö|=- !P§i©Ø!•«® ¶»¤SonY¤M\$N™
=>elf@<= **BrU** °°¤gøstøsinhø¤°° !§ativa! fe sk8 ,.*'§ëdzü†¤®

Faixa de 20 a 30 anos

Nomes próprios, como nos exemplos destacados:

Alexandre Marina LUCAS robertinho wagner Vânia Ricardo

Faixa de 30 a 40 anos

Nomes próprios e nomes próprios seguidos de qualificativos, como nos exemplos destacados:

ALEX-SP-39 paulocasado angelasozinha Maria séria Marceloalto Jorgeimperturbavel
ELISACANTORA Olegário Borboleta Coroa4.0 enxuta Pedro elegante

Considerando-se os resultados obtidos, o próximo passo foi estabelecer uma relação entre as categorias de identidade temporária mais frequentes e o pensamento dos autores selecionados.

As máscaras de Strauss

Anselm L. Strauss integrou a chamada *Escola de Chicago*, que até 1929 apresentava um caráter, por assim dizer, interdisciplinar, erodindo as fronteiras entre antropologia, sociologia e ciência política. Strauss estudou também a psicologia social, retirando dela importantes elementos para estruturar a sua obra, fundando-se nas relações entre cooperação e conflito em ações coletivas. De acordo com Gilberto Velho, na apresentação que faz de *Espelhos e Máscaras*, "Para Anselm Strauss, particularmente, não há como isolar identidades individuais de coletivas, pois elas se constituem reciprocamente" (1999:16).

Notadamente, nos *chats* analisados percebe-se um padrão de escolha dos *nicks*, gerando uma configuração bastante homogênea, de acordo com a sala examinada. Quando em uma determinada sala predominam *nicks* de uma determinada categoria, os usuários que vão entrando na sala, em geral, também mantêm a escolha de seus *nicks* na mesma categoria predominante. A adoção de *nicks* "distoantes" do conjunto costuma gerar respostas agressivas ou desinteresse.

A observação realizada demonstrou que dificilmente alguém que se auto-intitula "Maria séria", aceita manter conversação com alguém com *nick* como "=-|Bäç;fö|=-" (a recíproca é verdadeira). Vejamos o exemplo a seguir:

Maria séria *fala para* Homem-Nit: **nao eu gosto de homens mais maduros**

Homem-Nit *fala para* Maria séria: **eu sou maduro**

Maria séria *fala para* Homem-Nit: **mas com esse nick**

Homem-Nit *fala para* Maria séria: **isso é só um nik ok** (UOL BATE-PAPO, 20 a 30 anos, acesso em maio/2005).

A internauta "Maria séria" encerra a conversa, mesmo com a insistência do internauta "Homem-Nit". Sua impressão é a de que alguém que opta por um apelido como este não pode ser considerado um homem maduro e, portanto, prefere procurar pessoas que se apresentem com nomes que transmitam mais confiança.

A importância do nome é destacada por Strauss (1999), que ressalta: "Um nome pode revelar muita coisa, tanto de quem o deu quanto de quem o porta. [...] Todo nome é um recipiente, nele estão contidas as avaliações conscientes ou involuntárias de quem nomeia" (1999:35). De acordo com Strauss, portanto, não há gratuidade na escolha de um nome/*nick*,

posto que as auto-denominações quando não provêm de avaliações conscientes, revestem-se de um aspecto involuntário que termina por mostrar, muitas vezes, justamente aquilo que o internauta tencionava esconder.

Anselm Strauss, ao tratar do conceito de identidade, afirma que a identidade está associada a “avaliações decisivas feitas de nós mesmos por nós mesmos ou pelos outros”(1999:29). Uma das entrevistas realizadas com os internautas, dá mostras de como essa avaliação pode ser bastante realista:

Pergunta: pq. vc. escolheu esse nick?
casado 38 – “a minha realidade de vida”;

Pergunta: funciona como um aviso?
casado 38 – “isso mesmo”

O *nick* revela ao menos quatro informações importantes, três diretas: sexo (homem), idade (38), estado civil (casado) e uma indireta: não quero compromisso sério (ao informar que é casado parece estabelecer limites). Mesmo que nenhuma delas seja verdadeira, o fato é que foi dessa forma que o internauta quis ser “visto” por seus colegas de sala. Outro exemplo interessante é a resposta fornecida por “jorgeimperturbável”:

Pergunta: pq. vc. escolheu esse nick?
jorgeimperturbavel – “pq. dizem q. eu sou muito resistente a tudo o q. me ocorre”;

Pergunta: e vc. acha q. é imperturbável mm.?
jorgeimperturbavel – “confio no q. dizem meus amigos”

Ambas as respostas apresentadas por “jorgeimperturbavel” baseiam-se nas avaliações feitas por seus amigos. Mais uma vez, o *nick* aponta um conjunto de informações: sexo (homem) e traço de caráter: segurança (conferida pela justaposição da palavra imperturbável ao nome próprio). Na *net*, “jorgeimperturbavel” aparece como uma pessoa segura, confiável ou, para os menos crédulos, como alguém presunçoso e arrogante, mas ainda sim, seguro de si. Anselm Strauss destaca a constante escolha de máscaras que os indivíduos “precisam” fazer durante a vida, de acordo com os papéis que “deve” desenvolver ao longo dos diferentes processos de socialização a que é submetido.

Os diferentes *nicknames* adotados, com base nas observações realizadas, parecem seguir a essa lógica. O internauta adequa o nome de apresentação a características individuais e coletivas: a primeira, baseada numa das imagens que possui a seu respeito ou na imagem que gostaria de possuir; a segunda, atendendo às expectativas do grupo com o qual pretende interagir. Pode-se dizer, portanto, que, ao longo das conversas, surge o conflito entre *self* e as

demandas do grupo, levando o internauta a construir uma narrativa que deve parecer verossímil e coerente com o *nick* escolhido.

Com relação a escolha de um nome para se auto-denominar, Strauss afirma que “os nomes que são adotados voluntariamente revelam, até mesmo com mais eficácia, o vínculo indissolúvel entre o nome e a auto-imagem”(1999:36). Embora esta seja uma primeira análise, parece estar clara a relação estabelecida entre o *nick* e a auto-imagem. Um trecho do diálogo estabelecido entre dois internautas pode ajudar a perceber este fato:

(05:11:30) MEL (*reservadamente*) fala para gato100gata: seu nick eh mta pretensão...
(05:11:32) gato100gata (*reservadamente*) fala para MEL: pq é muita pretensão?
(05:11:34) MEL (*reservadamente*) fala para gato100gata: vc. se acha gato...
(05:15:23) gato100gata (*reservadamente*) fala para MEL: acho não, sou, isso acontece nas melhores e nas piores famílias

A escolha de *nicks* “auto-elogiatórios” é uma constante nas salas compostas por integrantes das três faixas etárias. As diferenças ocorrem pelo aumento da sutileza na escolha do qualificativo, como se pode perceber em alguns dos *nicks* encontrados: na faixa dos 15 aos 20: obom, gatogostoso, supergato, indispensável, henriquede+; nas faixas de 20 a 30 e de 30 a 40: janacarinhosa, 32a+ainda umMenino, homemdisponivel, homem caliente 44 a, HSÉRIO-35, entre outros.

Entre adolescentes, cujas identidades são ainda muito flutuantes, parece haver menos pudor em se auto-denominar “bom”, “gostoso”, “demais”, “gato”, “poderosa”, “linda”, “fantástica”, do que entre as outras faixas etárias analisadas, em especial a faixa de 30 a 40, que opta por buscar outras séries de valores, como aqueles ligados: a afetividade (doce, carinhoso), ao caráter (sério, honesto, sincero, fiel), a posição social (independente, formado) e ao estado emocional (triste, melancólico, feliz, sozinho, carente).

Na faixa de 15 a 20 anos, predominam os *nicks* incompreensíveis, ressaltando, ainda mais, o fato de que uma auto-imagem ainda fugidia, oscilante e indeterminada abre espaço para que os indivíduos se apresentem como: *^*^*^* @, -=|Bäç;£ö|=-, !D§i©Ø!•«® ou &^&^^&*.

Cabe aqui lembrar um trecho do livro *Água Viva*, de Clarice Lispector, quando ela profetiza: “Antes do aparecimento do espelho a pessoa não conhecia o próprio rosto senão refletido nas águas de um lago. Depois de certo tempo, cada um é responsável pela cara que tem”(1998:35).

Em *Espelhos e Máscaras*, Strauss busca a analogia do espelho e mostra que a linguagem – e em especial o ato de nomear - é um aspecto indispensável ao se estudar um

conceito como o de identidade. Mudar de nome, escolher o próprio nome, representa para o autor uma espécie de rito de passagem, quando “dissimulamos quem fomos ou somos a fim de parecer o que desejamos ser” (1999:36). Esse rito de passagem seria o trânsito entre diferentes auto-imagens, e as etapas desse rito seriam marcadas por processo de nomeação: “nomear, então, não é apenas indicar (...). Um ato de identificação requer que a coisa referida seja colocada dentro de uma categoria” (1999:39). Strauss, continua tratando da questão da nomeação: “nomear ou designar é sempre fazê-lo a partir de algum ponto de vista” (1999:39). A renomeação passa, para o autor, por um processo de reavaliação, assim, “#!@#%^&*(^)%” poderá ser “obom”, “joao100%”, “henriquesério”, “formadocarente” ou “casado27ssa”, conforme a categoria mais adequada a seu momento de vida.

O interacionismo simbólico de Strauss e as bases da *grounded theory* das quais se valeu, permitem uma interessante forma de análise das identidades e dos *nicknames*, apresentando uma formulação capaz de expressar o caráter dinâmico das identidades e a sucessão de papéis sociais representados pelos indivíduos em suas relações mais ou menos conflituosas com a coletividade.

Os chats e os outsiders de Elias

Norbert Elias, em *Estabelecidos e Outsiders* (1999), analisa formas de dominação para além das formas tradicionais. Em seu estudo, realizado numa cidade inglesa ficticiamente denominada Winston Parva, Elias mostra como a categoria da antiguidade transforma-se num importante ponto de corte para isolar os moradores mais recentes.

Muito embora o grau de homogeneidade fosse muito elevado, incluindo-se nível de educacional, ocupação, padrão econômico, nacionalidade e etnia, Winston Parva apresentava uma estrutura dicotômica, antagonizando os moradores das Zonas 1 (classe média) e 2 (operários mais antigos) e da Zona 3 (operários recém chegados, oriundos da migração provocada em Londres pela Guerra), ou seja, moradores mais antigos e mais recentes.

A estrutura apresentada por Elias em Winston Parva pode, em certa medida, ser encontrada nas salas de bate-papo analisadas. Vejamos: a UOL disponibiliza 100 (cem) salas de acesso geral para cada faixa etária, divididas em dois grupos – salas de 1 a 49 e salas de 50 a 100, além das salas específicas para São Paulo e Rio de Janeiro. Em geral, as salas são ocupadas em seqüência, sala 1, sala 2, etc, na medida em que vão ficando lotadas. Foi possível observar que após várias salas vazias, havia salas ocupadas, mesmo havendo muitas

salas anteriores vazias. Passei então a visitar estas salas para observar o que motivava esse tipo de ocupação. A primeira sala visitada foi a sala 42, na faixa de 15 a 20 anos, na qual ingressei com o *nick* “ana”. O simples aparecimento do *nick* na lista de ocupantes gerou uma série de protestos que me obrigaram a deixar a sala sem obter qualquer informação. Utilizei então o recurso “espionar” e verifiquei que todos os *nicks* estavam ligados a bandas de rock pesado. Adotei, então, um apelido similar e voltei a entrar na sala. Para minha surpresa, a reação foi a mesma, fui convidada a me retirar, mais uma vez. Perguntei acerca da proibição e obtive a resposta de que se tratava de um grupo fechado. Tentei argumentar sobre o caráter aberto da *net* e ninguém mais teclou comigo.

Elias, em seu estudo sobre os estabelecidos e os outsiders, destacou que “excluir e estigmatizar é importante para manter a identidade” (1999:22) e, conseqüentemente, a coesão do grupo. Essa prática parece ser comum também na *net*, embora vá de encontro a sua proposta fundante: o caráter aberto e acessível. Entretanto, da mesma forma que em Winston Parva, “os membros de um grupo se sentiam impelidos a tratar os outros com desprezo” (1999:24). Aliás, esse comportamento de exclusão acontece também nas outras salas, que não tem essa finalidade de abrigar grupos fechados. Os novatos, que não sabem “falar reservadamente”, que não conhecem o jargão “tc”, “naum”, “abs”, “bjs”, “eh”, em geral são alvo de gozações ou simplesmente ignorados. A menos que passem a adotar rapidamente os códigos da rede, isto é, a menos que reconheçam a “sujeição da conduta a padrões específicos de controle dos afetos” (Elias, 1999:26), dificilmente será aceito e passará a vagar de sala em sala, suplicando que alguém teclou com ele – provavelmente outro novato. Outro exemplo:

(05:35:36) *texter fala para ana: vai me deichar falar sozinho* (sic)

Nesse caso, o erro de potuguês é outro fator de corte, especialmente nas faixas de 30 a 40 anos, pois o internauta é imediatamente rotulado como adolescente e não é aceito nas conversas do grupo.

De acordo com Elias, “a lógica dos afetos é rígida [os recém chegados] põem em risco as defesas; outsiders ameaçam os inseridos” (1997:26) e vai mais além, quando afirma que “aparência e modo de falar podem tornar o estigma mais facilmente reconhecível” (1999:32).

É interessante que o mesmo ocorra também em ambientes virtuais, nos quais, na maioria das vezes, os internautas se reconhecem apenas pelos *nicks* com que se apresentam e

pela sua própria narrativa. A ausência da interação face-a-face exponencia os aspectos lingüísticos que podem tanto caracterizar uma máscara quanto retirá-la, embora isso nem sempre seja fácil. Cabe ressaltar que a grande diversidade de pessoas na *net*, por um lado, leva os internautas a agruparem-se de acordo com afinidades e interesses e mesmo, a estabelecer vínculos que os protejam de estranhos (mesmo considerando-se que na grande maioria das vezes esses internautas só se relacionam via rede, não se conhecendo pessoalmente e apostando na veracidade das informações prestadas).

Elias, um grande estudioso do processo civilizador, provavelmente se interessaria por analisar o modo como micro configurações sociais se estabelecem nesses ambientes virtuais, cujas interações tem sido objeto de inúmeros estudos, mas que se constituem ainda em espaços muito novos e repletos de indagações. De toda forma, arrisco-me a ponderar que, consideradas as devidas proporções, as observações realizadas nas salas de bate-bapo da UOL demonstram nitidamente a presença de estabelecidos e outsiders, em moldes similares aqueles encontrados pelo autor, juntamente com Scottson, no povoado de Winston Parva, ao menos no que diz respeito a existência de categorias não tradicionais que conferem prestígio e poder e determinam a formação de um *establishment*.

As relações sociais na net e a sociedade pós-tradicional de Giddens

Anthony Giddens não é um sociólogo pós-moderno; ao longo de seus escritos deixa claro que pensa a sociedade contemporânea em termos de uma sociedade pós-tradicional, uma sociedade que conflita modernidade e tradição, uma sociedade que não destruiu a tradição mas, antes, a reconstruiu. Para Giddens, em *Modernização Reflexiva*, obra que contou com a participação de Scott Lash e Ulrich Beck, procura estudar “política, tradição e estética na ordem social moderna”, e é este o subtítulo da mencionada obra, existem duas esferas principais de transformação: a difusão das instituições modernas, universalizadas por meio dos processos de globalização e os processos de mudança intencional que podem ser conectados à parcialização da modernidade. Toma como ponto de partida desses dois processos, o expansionismo capitalista iniciado com a Segunda Grande Guerra.

Foi justamente nesse período que surgiram as primeiras pesquisas, inicialmente com fins militares, de comunicação entre computadores, sob o guarda-chuva do Estado Norte-Americano, levando a criação de uma rede batizada de ARPANET. A comunicação via Internet conferiu aos processos de globalização – segundo alguns autores, iniciados desde as

grandes navegações – uma dimensão jamais alcançada, reunindo simultaneidade, velocidade e interatividade.

O espaço da Internet, em especial os *chats* aqui estudados, é um espaço novo, mas os modos de relacionamento estabelecidos continuam a obedecer, de certa forma, à lógica de uma tradição consolidada há séculos, como diria Giddens, “a tradição é uma cola que une as ordens sociais pré-modernas” (1997:80) e que se transformou na modernidade, mas não completamente.

O que se percebe na escolha dos *nicks* é muito similar. As pessoas apresentam-se em geral com um nome próprio (exceção para a faixa dos 15 aos 20) e muitas vezes acompanhado de um qualificativo. A tradição da nomeação não se perde, e as pessoas sentem dificuldade em se apresentar sem ser por um nome próprio. Nas pesquisas realizadas com as faixas de 20 a 30 e de 30 a 40 anos, menos de 5% dos internautas utilizavam-se de outras formas para se apresentar, como por exemplo: lua, lua cheia, azul, sol, água do mar, pássaro da manhã, entre outras. A este respeito, Giddens relembra que “os antropólogos consideram as culturas orais como extremamente tradicionais” (1997:81), justamente por esta razão as culturas orais permitem recuperar muitas tradições. Mesmo com toda possibilidade audiovisual incorporada pela rede das redes, a comunicação escrita é a sua base e aparece revestida de uma forma oral, tanto que têm recebido críticas de gramáticos e cultuantes da norma culta, inconformados com as transformações que ocorrem no texto escrito para a comunicação nos *chats* e em outros ambientes de comunicação via rede.

Giddens destaca, ainda, que a tradição “não depende das práticas referenciais da linguagem, mas de seu oposto, a linguagem ritual e performativa e pode conter palavras ou práticas incompreensíveis” (1997:83). Um aspecto performativo da linguagem na *net*, destituída do âmbito gestual, é justamente a criação dos *emoticons*, símbolos criados para expressar alegria, tristeza, descontentamento e uma série de emoções que seriam difíceis de traduzir em palavras ou que levariam tempo: ☺, ☹, ;) ; :%, são exemplos desses sinais.

É interessante que as relações desenvolvidas através da Internet sejam estudadas principalmente por pesquisadores pós-modernos, que assumem a existência de uma sociedade da informação e a superação da centralidade da categoria trabalho. Tais relações, assim pensadas, em geral, não levam em conta questões mais complexas, como as propostas por Giddens, que envolvem uma modernidade tardia, a convivência de práticas mais antigas e mais contemporâneas, a modificação mas não a superação das tradições.

É interessante notar que os diálogos travados através da Internet revestem-se das formas mais tradicionais, ao menos aqueles que pretendem estabelecer uma conversa. Vejamos mais um exemplo desse apego à tradição:

(05:11:51) Sensata *sorri para* GatoGostosoSafado: Filhinho, vá procurar papo na sala de tua idade.....eu poderia ser tua avó.....toma juízo.....

Mesmo num espaço interativo completamente diferente, a internauta que se intitula “Sensata”, revela um estilo absolutamente tradicional, indispondo-se a manter a conversa com o suposto garoto, e enviando uma resposta padrão. De acordo com Giddens, mesmo nas sociedades pós-tradicionais, as “ligações emocionais entre gerações” (1997:91), permanecem mais ou menos inalteradas, e continua “a repetição é uma maneira de ficar no ‘único mundo que conhecemos’, de modo a evitar a exposição a valores estranhos”(1997:92). O argumento de Giddens parece bastante sólido para analisar diálogos como os acima exemplificados, uma vez que, para o autor, tanto a rotina como a repetição fazem parte da consolidação de nossos mundos pessoais, mesmo considerando-se que “as mudanças tecnológicas envolvem a incorporação de sistemas abstratos” em grau cada vez maior, como a própria socialização na Internet pressupõe. Por mais abstratas que sejam tais relações, não se descolam de uma base tradicional, já incorporada ao modo de relacionamento entre indivíduos. Mais uma vez com Giddens, cabe destacar que “a relação entre tradição e identidade sempre tornou as categorias amigo e estranho extremas e distintas” (1997:101), fato que se mantém na virtualidade das redes telemáticas.

Ao refletir sobre a modernidade, Giddens apresenta um quadro bastante consistente, que aponta para uma era de transição, na qual os fenômenos típicos dessa contemporaneidade não podem ser pensados dissociados de um referencial moderno, por assim dizer, nem tão pouco podem ficar restritos à conceitos e categorias absolutamente modernas. A estrutura do pensamento de Giddens permite, ao meu ver, uma análise mais densa e que deixe o nível do meramente aparential, quando se trata de pensar as relações virtuais na Internet.

Conclusão

As relações desenvolvidas nos *chats*, com base nas observações realizadas, apesar de novas e ainda muito intrigantes, uma vez que dispensam a interação face-a-face, que historicamente caracteriza o relacionamento humano, se analisadas com base na teoria sociológica permitem uma compreensão mais ampla e a derrubada de alguns mitos, como o de se achar que nesse território tudo é completamente novo. O pensamento de Strauss, Elias e Giddens, ainda que sumamente alinhavados nesse artigo, trazem importantes colaborações para o estudo desse fenômeno que cresce exponencialmente e vem alterando significativamente os modelos comunicacionais conhecidos. Assim, cabe deixar a questão proposta em 2004 por Jim Kennelly, do Skidmore College:

We need to continually ask ourselves “what is it that makes us distinctive?” and “how do we reimagine and reinvent ourselves to meet the needs of 21st century societies?”

(disponível em http://www.skidmore.edu/academics/business/business%20dept_winter04.pdf, acesso em julho/2005).

Referências

- ELIAS, Norbert. Estabelecidos e Outsiders, Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- GIDDENS, Anthony. BECK, Ulrich e LASH, Scott. Modernidade Reflexiva, São Paulo: UNESP, 1997.
- KENNELLY, JIM. 2004, disponível em http://www.skidmore.edu/academics/business/business%20dept_winter04.pdf, acesso em julho/2005.
- LISPECTOR, Clarice. Água Viva, Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- STRAUSS, Anselm L. Espelhos e máscaras: a busca da identidade, São Paulo: EDUSP, 1999.
- SCHEFF, Thomas J. “Três Pioneiros na Sociologia Das Emoções”, em Política e Trabalho, 17, Setembro / 2001 - pp. 115-127.
- Anotações pessoais das aulas proferidas pela Profa. Dra. Maria da Glória Bonelli, junto a UFSCAR, durante o primeiro semestre de 2005.